

O HÁBITO E O PRAZER NA LEITURA: UMA FONTE DE CONHECIMENTOS

Deonara Maria Piornedo Lopes¹
 Kátia Francieli Raimundo Rosolen¹
 Sonia Maria Dornellas Morelli²

RESUMO: Algumas teorias apontam que a falta de leitura está associada ao hábito e o prazer que o aluno deve ter ao se deparar com as diversidades de textos escritos, por isso, sugerimos uma atividade com estratégias de “pré-leitura”, “durante a leitura” e “pós-leitura”, com suporte teórico de Solé (1998). Tal trabalho tem como embasamento um texto poético do autor Manuel Bandeira – “O Bicho”, e por finalidade estimular o aluno para que desperte e desenvolva o interesse e o gosto pela leitura. Assim, ele estará aprofundando o conhecimento sobre si e o mundo que o rodeia, tornando-se apto para criticar, opinar sobre as inúmeras idéias e situações onde a leitura se faz necessária.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, hábito, prazer.

Os livros, com suas capas, ilustrações e letras impressas, nos dão acesso ao conhecimento construído pela humanidade por séculos. Quando aprendemos a ler temos uma primeira conquista que, em seguida, nos leva a aprender outras como: novos códigos, idiomas e maneiras de viver de outros povos.

O domínio da leitura leva as pessoas ao mundo do conhecimento, da cultura, da magia e da diversão, pois o leitor pode entrar no texto, colocando-se no lugar dos personagens, identificando-se com eles, além de que poderá ampliar o seu próprio idioma, desenvolvendo inteligência e raciocínio, adquirindo conhecimentos, alargando a sua visão de mundo dentro de um contexto social, enriquecendo assim, sua vida.

Bencini (2003, p.48) relata que “Ao dominar a leitura abrimos a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, participar ativamente da vida social, alargar a visão de mundo, do outro e de si mesmo...”.

A leitura é um ato individual por excelência; duas pessoas dificilmente farão uma leitura idêntica de um mesmo texto, pois o leitor é aquela personagem necessário que dá vida ao texto criando dimensões imagináveis, resgatando o passado, suas lembranças, vivências, fazendo conexões e relações com a vida para assim recriar e interpretar, tirando conclusões que, com certeza, poderiam surpreender o autor. Por isso, o leitor deverá escolher seus próprios textos; criticando-os e avaliando-os, quantas vezes lhe interessar, como Solé (1998, p.97) esclarece: “É fundamental que o leitor possa ir elaborando critérios próprios para selecionar os textos que lê, assim como para avaliá-los e criticá-los”.

Para sermos um leitor eficiente devemos nos atentar a alguns pontos: formular perguntas enquanto lemos, selecionar pontos importantes para a compreensão, antecipar fatos, criticar o conteúdo, reformular hipóteses, estabelecer relações com outros aspectos do conhecimento, atribuir intenções ao escritor, trocar experiências com outras pessoas, pois tudo aquilo que aprendemos fica armazenado em nossa memória, sendo lembrado na medida em se torna necessário. Por isso, devemos praticar a leitura, observando detalhes, mostrando interesse por assuntos diferentes, concentrando-nos naquilo que estamos lendo.

Além disso, a leitura deve ir além do contexto escolar, pois esta perspectiva fará com que o ato de ler, passe

por descobertas ainda maiores como as diferenças entre indivíduos, grupos sociais, culturas, incentivando a fantasia e levando a consciência da realidade, com uma postura crítica e cheia de alternativas.

Desse modo, Martins (1990, p.34) ressalta: “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”.

A escola deve valorizar a leitura, elegendo-a como atividade fundamental que possibilita a formação integral do aluno, dando acesso aos alunos a diversos tipos de materiais de leitura, como revistas, fotonovelas, história em quadrinhos, etc. Assim os alunos se motivariam a ler, demonstrando mais interesses do que encontram na leitura de livros didáticos apenas.

Cagliari (1997, p.177) comenta: “A escola deveria propiciar o acesso a esse tipo de material àqueles alunos que não podem tê-los em casa ou na de amigos”.

Por mais difícil que pareça um texto, por envolver problemas semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos e fonéticos, é função da escola e do professor transmitir ao aluno o prazer e o desafio que uma leitura traz, pois se este não consegue assimilar conteúdos de outras atividades, mas domina requisitos para um bom leitor, a escola e o professor já terão cumprido grande parte de sua tarefa. Portanto, o professor não deve condicionar o aluno apenas à leitura do livro didático, pois há textos impressos nestes que, muitas vezes, não alcançam o nível de leitura em que o aluno se encontra, e isto poderá desmotivá-lo.

Segundo Perini, (in ZILBERMAN e SILVA, 2002, p.81), “Sabemos que o material escrito que chega às mãos dos alunos se compõe essencialmente de textos didáticos. Trata-se de material que, de certa forma, apresenta para eles um interesse imediato, na medida em que lhes possibilita, em princípio, melhorar seu desempenho escolar. No entanto, é singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático”.

Portanto, a atividade de leitura e, conseqüentemente, as atividades de texto são fundamentais para que o aluno supere as necessidades e dificuldades no/do ensino de Língua Portuguesa. Por isso, propõe-se aqui uma atividade embasada

¹Graduanda em Letras pela Universidade Paranaense - Cianorte.

²Mestre em Letras, professora de Literatura Brasileira na Universidade Paranaense - Cianorte.

em um texto poético do autor Manuel Bandeira – “O Bicho”, tendo como suporte teórico Estratégias de leitura de Isabel Solé.

O BICHO

*Vi ontem um bicho,
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.

Mesmo quem não conheça o poema ou o contexto, em que o autor o produziu, consegue entender a mensagem, pois o poeta conseguiu expressar sua visão de mundo, fazendo uso de algumas ferramentas da língua.

Posteriormente à leitura do texto, quem tem algum conhecimento sobre o estilo ou o tema usado pelo autor, antecipará sua expectativa de leitura, mas quem não o tem, provavelmente procurará se inteirar do assunto, querendo saber em que situação foi produzido, qual a intenção do autor ao escrevê-lo, que relação há entre o título e o tema, a que escola literária pertence Manuel Bandeira, ou qual a relação que podemos fazer com o mundo de agora.

Assim, o aluno terá possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, alargar sua visão de mundo, estimular a leitura, melhorar as estratégias de compreensão. Por fim, terá como expressar suas idéias, identificando e analisando os usos da língua como instrumento de valores. Passemos às atividades.

Atividades para a “pré – leitura”.

- Fazer um levantamento do que os alunos já sabem e o que precisam saber sobre o tema, levantando hipóteses e previsões sobre o texto a ser lido, incentivando-os a exporem o que já sabem sobre o assunto.

- Discutir o conhecimento prévio dos alunos sobre o texto a ser lido, sobre o autor (Manuel Bandeira), qual seu estilo, que tema costuma abordar, a que gênero e escola literária pertence.

- Examinar o material escrito: título, tipo de letra, ilustração.

Atividades “durante a leitura”.

- Ajudar os alunos na compreensão global: a idéia principal. Estabelecer relações entre o texto e um problema comum na sociedade, fazendo com que troquem informações, relacionando o conteúdo lido ao seu conhecimento prévio.

- Chamar a atenção para os trechos que revelam a posição pessoal do autor.

- Sublinhar ou fazer anotações das idéias principais do texto.

Atividades “pós – leitura”.

- Ajudar os alunos a fazerem uma síntese do texto lido

– comentário, identificando o seu conteúdo, escola literária e autor (se for o caso).

- Avaliar com os alunos o que foi lido, procurando identificar valores e crenças que possam inspirar uma reflexão sobre o assunto.

- Fazer conexões com outros textos, instigando o aluno a identificar diferentes gêneros como uma crônica (*A Lixeira* / Carlos Drummond de Andrade), ou um texto informativo (*Consumo e desperdício, os pecados das cidades grandes* / Fundação Victor Civita). Depois, os alunos poderão elaborar um texto jornalístico de acordo com o tema abordado.

- Estimular os alunos a lerem mais sobre o assunto, buscando conhecimentos fora da sala de aula.

Para realizar tais conexões, seguem os textos acima denominados.

A LIXEIRA

Um dia, quando lhe perguntarem onde é que nasceu, a moça poderá responder, sorrindo: “Na lixeira.” Pois realmente foi ali que a jogaram, entre cascas de banana e borra de café, para que não vivesse; e foi dali que a retiraram, viva, para que desse testemunho: até numa lixeira a vida pode começar.

O suposto nascimento anterior, num quarto, não vale para essa menina da Rua Pedro Américo; ele se consumou na clandestinidade, a contragosto da mãe, talvez sem que o pai tivesse notícia e mesmo sem que a mãe tivesse notícia do pai. Não era desejado, não veio precedido de amor, mas de vergonha, medo, angústia, recriminação. Quem nasce sob tais condições negativas é como se não nascesse, e a lixeira foi o instrumento providencial que ocorreu à mãe dessa menina errada, para anular, em escala individual, o efeito da explosão demográfica. Enquanto não se decide a construção de crematórios para os que acabam regularmente, aí está, para os que começam irregularmente, o incinerador do lixo doméstico. Nem seria preciso queimar a menina, com os demais detritos da casa. A morte viria logo – necessária, oportuna, benfazeja.

Mas, naquele dia, a lixeira reagiu de forma imprevista, abstendo-se de cumprir a missão que já tantas mães solteiras, desesperadas ou não, lhe confiaram. Ficou surda aos argumentos sociais, morais e econômicos que demonstram a inconveniência de salvar-se uma vida de origem equívoca e de custeio incerto. Guardou a menina como a lixeira pode guardar, sem qualquer cuidado higiênico ou resquício de conforto, mas guardou-a. Não lhe abafou o chorinho com o desmoronamento de um pacote de restos de cozinha, ou a queda de uma lata vazia de pessegada sobre a cabeça. Na verdade, estimulou-a a chorar e bradar, dando-lhe ar pútrido e temperatura de fornalha, para que melhor protestasse e atraísse, pelo sofrimento revoltado, a atenção do faxineiro.

E chegou o faxineiro e tirou daquelas entranhas a recém-nascida, como o obstetra faz o parto. Estava nascendo, na porcaria, uma criança; e outro menino não nasceu, faz muito tempo, num cocho de comida de animais, no estábulo, entre o farelo e o milho? A lixeira pode fazer as vezes de maternidade, berçário moderno para a vida que quer manifestar-se de qualquer modo e não encontra outra saída. O obscuro humanitarismo, a piedade e a simpatia

dessa lixeira, não salvaram, criaram a vida. Foi lá que a criança verdadeiramente nasceu, quando os seres humanos, a ordem econômica e os últimos preconceitos lhe negaram ou lhe impediram a existência.

A menina, mais tarde, poderá dizer com alegria reconhecida: “Devo minha vida a uma lixeira, foi nela que vim ao mundo.” E nós também devemos alguma coisa a essa lixeira: a lição de respeito à vida.

CONSUMO E DESPÉRDIO, OS PECADOS DAS CIDADES GRANDES

O lixo nosso de cada dia

No início dos anos 2000, as cidades brasileiras produziam mais de 90 mil toneladas de lixo por dia. No entanto, 27% dos domicílios não dispunham de qualquer tipo de coleta. Apenas 60% dos resíduos eram recolhidos – o restante acabava nos rios, nas ruas e em lixões clandestinos, gerando produtos tóxicos que se infiltram no solo e contaminam os lençóis subterrâneos de água.

O lixo brasileiro tem forte presença de restos de alimentos, que representam mais de 50% da composição. Esse dado reforça a possibilidade de seu reaproveitamento. Calcula-se que, dos resíduos coletados no país, 35% poderiam ser transformados em adubo orgânico e outros 35% reciclados.

A verdade é que muita gente sobrevive graças ao lixo. Segundo a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), mais de 40 mil pessoas vivem diretamente da “catação” em lixões e outras 30 mil da “catação” nas ruas. Em Olinda (Pernambuco) e outros centros, as crianças chegam a representar 50% dos catadores.

Com este trabalho tentamos apresentar alguns embasamentos teóricos e propostas para o desenvolvimento

do hábito e o prazer na leitura, pois esta seja qual for o seu objetivo, é uma atividade primordial na vida das pessoas. Estamos em contato o tempo todo com a leitura, mas não nos damos conta disso.

As pessoas precisam se conscientizar sobre a importância do desenvolvimento do hábito de ler, pois quem lê está em contato com várias idéias, amplia conhecimentos e está apto para opinar, criticar. Quem lê adquire muito mais experiência e conhecimento de mundo, tem grandes chances de escrever bem, dispõe de um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura gramatical e as normas ortográficas da Língua Portuguesa. É preciso que profissionais da educação e alunos vejam a leitura como algo agradável, tenham consciência do quanto um texto, um livro pode cumprir um “papel” primordial em nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. D. de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [19-]. v.1.
- BENCINI, R. Hora da leitura. **Nova Escola**, São Paulo, a.18, n.160, mar.2003.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PERINI, M. A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002. p.78
- Consumo e desperdício, os pecados das cidades grandes. In: **Revista Nova Escola**, São Paulo: ago. 2003. p. 1A.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.